

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

MARIA DA PIEDADE SOARES COURA

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE O BULLYING NO
CONTEXTO ESCOLAR**

COREMAS - PB

2017

MARIA DA PIEDADE SOARES COURA

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE O BULLYING NO
CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Ms. Clenice Paulino da Silva
Batista

COREMAS - PB

2017

C858v Coura, Maria da Piedade Soares.

Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying no contexto escolar / Maria da Piedade Soares Coura. – João Pessoa: UFPB, 2017.

51f. : il.

Orientadora: Clenice Paulino da Silva Batista
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade a distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Bullying. 2. Violência. 3. Escola. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.06(043.2)

MARIA DA PIEDADE SOARES COURA

**VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE O BULLYING NO
CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em ____/____/2017.

BANCA EXAMINADORA:

PROF.^a. Clenice Paulino da Silva Batista
Prof. Orientador
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Mariano Castro Neto
Prof. Convidado
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Marlene Helena de Oliveira França
Prof. Convidado
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Dedico este trabalho a todos os alunos que sempre me fizeram acreditar na realização dos meus sonhos e trabalharam muito para que eu pudesse realizá-los. A meus filhos Raimundo Neto e Miguel Coura e a meu esposo Marcondes, que estão sempre ao meu lado na batalha diária na luta pela vida.

AGRADECIMENTOS

Registro meus agradecimentos a todos que compartilharam o trilhar de mais esse caminho percorrido, contribuindo, direta e indiretamente, para que eu construísse este relatório, auxiliando-me e dando-me forças nos momentos em que mais precisei.

Minha gratidão, em primeiro lugar, a Deus, por estar comigo em todos os momentos e iluminando-me, sendo meu refúgio e fortaleza nos momentos mais difíceis. A ele, minha eterna gratidão.

Agradeço, especialmente, à minha família, pelo apoio para que eu concretizasse essa pesquisa: minha mãe e meu pai, que foram incansáveis; e, em especial, meu esposo, Marcondes, que esteve sempre ao meu lado, entendendo-me nos momentos de ausência, dando-me apoio e carinho.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo discutir situações de bullying existentes na escola sob o ponto de vista de professores e alunos. Na escola a prática do Bullying, causam bastantes transtornos e angústias, originando exclusão e isolamento dos alunos e consequentemente impedindo o processo de ensino e aprendizagem impossibilitando a sustentação de uma cultura de paz e de inclusão no espaço escolar. O preparo dos profissionais da educação para lidarem com as manifestações do Bullying, contribuirá para que o ambiente escolar se transforme em um local menos violento, possibilitando aos alunos o equilíbrio e a superação no lidar com suas emoções, valorizando a tolerância e a solidariedade. No entanto, buscou-se realizar uma pesquisa de campo cujo foco foi compreender o que é o bullying, como ele ocorre e as suas consequências no ambiente escolar; analisar a maneira como os educadores percebem a existência deste fenômeno e como interferem quando percebem a ocorrência do bullying, além de verificar se as ações por parte dos professores podem implicar na ocorrência do bullying na sala de aula. Alguns estudiosos que defendem a relação professor aluno, acreditam que o panorama da violência no ambiente escolar pode ser modificado a partir do momento que a interação professora aluno passe a fazer diferença.

Palavras-chave: Bullying. Violência. Escola. Aluno. Professor.

ABSTRACT

The objective of this work is to discuss existing bullying situations in the school from the point of view of teachers and students. In school, Bullying practice causes many disorders and anguishes, causing exclusion and isolation of students and consequently impeding the teaching and learning process, making it impossible to sustain a culture of peace and inclusion in the school space. Preparing education professionals to deal with the manifestations of Bullying will help the school environment to become a less violent place, allowing students to balance and overcome in dealing with their emotions, valuing tolerance and solidarity. However, we sought to conduct a field research whose focus was to understand what bullying is, how it occurs and its consequences in the school environment; to analyze the way in which educators perceive the existence of this phenomenon and how they interfere when they perceive the occurrence of bullying, besides verifying that the actions on the part of the teachers can imply in the occurrence of bullying in the classroom. Some scholars who defend the teacher-student relationship believe that the panorama of violence in the school environment can be modified as soon as the teacher-student interaction becomes a difference.

Keywords: Bullying. Violence. School. Student. Teacher.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Configuração do Bullying identificado.....	37
Quadro 2 - Consequências das práticas de Bullying	39

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1 BULLYING: ORIGEM E CONCEITUAÇÃO	13
1.1 COMPREENDENDO UM POUCO MAIS O TERMO	14
1.2 CONCEITO DE BULLYING ESCOLAR	15
1.3 TIPOS DE BULLYING	17
1.4 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA	18
1.5 BULLYING: ATOS DE VIOLÊNCIA E NÃO BRINCADEIRAS	19
1.6 O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA PARA PREVENIR A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS	21
2 BULLYING NA VISÃO DE ALGUNS AUTORES	23
2.1 O BULLYING E OS EDUCADORES	26
3 METODOLOGIA	29
3.1 PARTICIPANTES	29
3.2 INSTRUMENTO PARA A COLETA DE DADOS	29
4 ANALISE DOS RESULTADOS	31
4.1 CONFIGURAÇÃO DO FENÔMENO OBSERVADO	32
4.1.1 A identificação	32
4.1.2 Formas mais frequentes	34
4.1.3 Ações consideradas violentas	35
4.1.4 Os Protagonistas	35
4.1.5 Os espaços em que ocorrem	36
4.1.6 As Causas	37
4.1.7 As Consequências	38
4.1.8 As Estratégias de Ação	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
ANEXO I	46
ANEXO II	47
ANEXO III	48

INTRODUÇÃO

O estudo do tema sobre “Violência na escola: Uma reflexão sobre o Bullying no contexto escolar” visa amenizar e extinguir a prática do Bullying dentro da escola, estimular o respeito às diferenças dentro e fora do ambiente colocando em evidência os diferentes significados que o fenômeno da violência no ambiente escolar adquire em contextos sociais diversos e as formas como se manifesta no cotidiano escolar, envolvendo escola, professores, alunos e sociedade.

O trabalho tem como objetivo discutir situações de bullying existentes na escola sob o ponto de vista de professores e alunos. Na escola a prática do Bullying, causam bastantes transtornos e angústias, originando exclusão e isolamento dos alunos e consequentemente impedindo o processo de ensino e aprendizagem. Por que ainda constatamos a prática violência na escola? O que fazer? Como lidar? Quais são as consequências de quem pratica ou quem recebe vítima e agressor? O que as escolas estão fazendo? Sobre esse questionamento o presente tema mostra que O Bullying é uma violência muito séria que ataca o psíquico do ser humano, trazendo traumas irreversíveis para toda a vida, e para todos que participam desta violência.

As escolas promover novas possibilidades para minimizar situações de “bullying” no cotidiano escolar, que se tornaram comuns e muitas vezes são banalizadas e passam despercebidas tanto por professores, pais, direção e que afeta de forma violenta o aluno, trazendo transtornos físico, psicológicos, educacionais e sociais. Sendo uma forma de violência, o Bullying escolar deve ser prevenido, evitado a todo custo, ser uma preocupação constante de todos. Precisamos reconhecer que o Bullying escolar não é uma brincadeira de criança e é prejudicial para todos

Neste contexto, buscou-se realizar uma pesquisa de campo cujo foco foi compreender o que é o bullying, como ele ocorre e as suas consequências no ambiente escolar; analisar a maneira como os educadores percebem a existência deste fenômeno e como interferem quando percebem a ocorrência do bullying, além de verificar se as ações por parte dos professores podem implicar na ocorrência do bullying na sala de aula.

Partiremos do pressuposto de que a ação educativa visará à formação para uma cidadania procurando favorecer a emergência de interação social construtiva onde a mesma deve estar integrada no cotidiano escolar, de tal forma que o professor seja capaz de aproveitar os múltiplos momentos de conflito que surgem na escola

para contribuir de forma eficiente para essa formação. Pensamos ainda que cabe ao professor criar situações educativas que possibilitem a internalização de normas sociais construtivas

1 BULLYING: ORIGEM E CONCEITUAÇÃO

O Bullying é um fenômeno mundial muito antigo, entretanto passou a ser objeto de investigação e preocupação a partir da década de 1970. A partir daí foram realizadas, na Suécia, as primeiras investigações sobre Bullying, uma vez que foram percebidos problemas de violência entre agressor e vítima.

Apenas com a realização de pesquisa em 1972 e 1973, na Escandinávia, as famílias puderam perceber o grau de complexidade dos problemas gerados pela violência escolar. Assim, tal fenômeno percorreu a Noruega e a Suécia, alastrando-se por toda Europa segundo Dan Olweus.

Em 1982, na Noruega, um jornal publicou o suicídio de 3 (três) crianças, com idades entre 10 e 14 anos, que foi provocado por situações graves de Bullying. Esse fato gerou grande repercussão nos meios de comunicação, fazendo com que em 1983, o Ministério da Educação da Noruega criasse uma Campanha em escala nacional contra os problemas de violência entre agressores e vítimas.

Fante citou Dan Olweus como sendo um dos primeiros professores a realizar estudos sobre violência no ambiente escolar. Tais estudos foram feitos de forma mais específica, e tinha por objetivo diferenciar a prática do Bullying de possíveis brincadeiras de crianças, tais como, gozações ou relações de brincadeiras entre iguais.

Olweus, apud Fante tinha as seguintes propostas em seu programa de intervenção:

[...] desenvolver regras claras contra o Bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte dos professores e dos pais, aumentar a conscientização do problema para eliminar mitos sobre o Bullying e prover apoio e proteção para as vítimas.

Após o estudo inicial de Olweus, outros pesquisadores começaram a se interessar e estudar o tema, chegando a constatação que de 5 a 35% das crianças em idade escolar estariam envolvidas de alguma forma com o Bullying. Segundo Fante (2005, p.46), “O nível de práticas do fenômeno é tão grande que os pesquisadores definem como um conflito global, afirmando que esta classe social poderá se tornar uma sociedade de adultos delinquentes”.

Conforme consta na obra de Gabriel Chalita (2008, p.108), através de pesquisas, estima-se que na Grã-Bretanha, por volta do ano de 1990, 37% (trinta e sete) dos alunos do ensino fundamental e 10% (dez) do ensino médio afirmavam serem vítimas de Bullying. Já em Portugal, dos 7 (sete) mil estudantes pesquisados, 22% (vinte e dois) 1 (um) em cada 5 (cinco) alunos – tinham sofrido Bullying. Na Espanha, foi detectado que 15% a 20% dos alunos eram vítimas de Bullying. Com a comprovação dessas pesquisas, a Europa aprovou uma legislação específica e ações integradas para resolverem tais problemas.

1.1 COMPREENDENDO UM POUCO MAIS O TERMO

O termo Bullying é derivado de uma palavra inglesa – bully, que traduzida significa valentão, tirano. Esse termo, normalmente, ocorre nas relações interpessoais, em que há uma relação desigual de poder, uma vez que, um lado da relação será caracterizado por alguém que está em condições de exercer o seu poder, através da intimidação, humilhação, atitudes agressivas sobre outra pessoa ou até mesmo um grupo mais fraco.

Esse desequilíbrio de poder que há entre os protagonistas do Bullying se dá pelo fato do agressor possuir algumas características, tais como, “idade superior a da vítima, estrutura física ou emocional mais equilibrada, ter apoio dos demais amigos de classe, ser sociável entre os demais grupos da classe, tamanho superior”; tais atributos fazem com que a vítima se sinta inferior, não tendo condições de se defender diante das ofensas, sejam elas verbais ou físicas. Esses aspectos permitem dizer que, por definição, a expressão Bullying: Assim sendo, Fante (2005, p.28-29) define o bullying como:

[...] é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais [...].

Tognetta afirma que, diante dessa situação de causadores e vítimas de Bullying, ambos precisam de ajuda, a saber:

Por um lado, as vítimas sofrem uma deterioração da sua autoestima, e do conceito que tem de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral.

O fenômeno Bullying não tem um alvo específico, independentemente de classe social ou econômica, pode ocorrer em diversos ambientes, desde que exista relação entre os sujeitos, como, nas escolas, nos locais de trabalho, nas famílias, nas prisões e nos clubes.

A prática do Bullying considerada muitas vezes pelos pais e professores como brincadeiras de criança, briguinhas que envolvem xingamentos e ofensas, mas que passam e, em alguns momentos são desvalorizadas e até ignoradas, está longe de ser um comportamento normal e aceito em um ambiente escolar.

Oportuno mencionar que o comportamento agressivo por parte do autor do fenômeno em questão geralmente ocorre pela falta da presença da família no dia a dia da criança e até mesmo pela ausência de limites. Dessa forma, destaca Fante (2005, p. 12):

É oportuno que os pais façam uma reflexão profunda sobre as suas próprias condutas em relação aos filhos e sobre o modelo de educação familiar, predominante em casa, que vem sendo aplicado. Nem sempre os pais se dão conta de que certos comportamentos que o filho manifesta são aprendidos em casa, como resultado do tipo de interação entre os familiares que é percebida por ele; muito menos procuram checar e refletir se o que o filho está realmente aprendendo tem relação com aquilo que “eles pensam” que está sendo ensinado.

Os pais então, devem elogiar constantemente as qualidades e capacidades de seus filhos, para que a autoestima dos mesmos não seja prejudicada. “Outro aspecto importante a ser mencionado é que os pais devem estar atentos para não se precipitarem ao considerar seus filhos vítimas de Bullying”.

1.2 CONCEITO DE BULLYING ESCOLAR

Bullying Escolar é o nome dado para a violência cometida nas escolas. Segundo a enciclopédia Wikipédia: “o Bullying é um termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais ou repetidos, praticados por um indivíduo (bully ou “valentão”) ou grupos de indivíduos com o objetivo de

intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz(es) de se defender” (Wikipédia 2009). Este comportamento é discutido em várias disciplinas, como por exemplo nas ciências sociais, psicologia e filosofia política.

No uso coloquial da língua inglesa, Bullying é frequentemente usado para descrever uma forma de assédio interpretado por alguém que está, de alguma forma, em condições de intimidar alguém ou um grupo mais fraco. O cientista sueco Dan Olweus (Wikipédia 2009) define três características específicas para que um comportamento seja considerado Bullying:

1. Comportamento agressivo proposital;
2. Comportamento feito repetidamente;
3. Comportamento ocorrido num relacionamento onde há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

O Bullying pode ocorrer nas mais diversas situações e classes sociais e está presente em todos os níveis de ensino. No âmbito escolar pode vir a prejudicar o rendimento da pessoa que sofre. Fante (2005, p.29), afirma que:

[...] o fenômeno bullying já está na escola há muito tempo, porém de forma oculta e sutil, passando despercebido para a maioria dos profissionais da educação. É essencial por esse motivo que os profissionais da educação saibam identificar quem são os alunos que estão envolvidos nessa problemática como também quem são os agressores.

Na verdade, há casos envolvendo escola de ensino fundamental e médio, faculdades, universidades públicas e privadas, os mais diversos locais de trabalho, situação de vizinhança, locais de lazer e até entre países. Qualquer que seja a situação, a estrutura de intimidação é evidente entre o agressor e a vítima. Para quem está fora do relacionamento, a impressão é que o medo do agressor depende somente da percepção da vítima, todavia, a vítima geralmente tem motivos para temer o agressor, devido às ameaças ou concretizações de violência física ou moral. O problema é relevante porque influencia todas as classes sociais e o medo se faz presente. O principal motivo do medo é não saber quando haverá a agressão e a falta.

1.3 TIPOS DE BULLYING

Bullying não envolve necessariamente criminalidade ou violência física. Frequentemente funciona através de intimidação e humilhação psicológica ou verbal. Os bullies (ou valentões) usam de meios violentos para atormentar os outros. A violência é violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém” (Chauí, 1995, p.337). Abaixo, alguns exemplos das técnicas de Bullying:

- Ataques repetidos contra o corpo sem grandes consequências físicas;
- Ataques contra a propriedade pessoal como livros, roupas, etc.;
- Espalhar rumores negativos sobre a vítima (fofoca);
- Depreciar a vítima sem qualquer motivo;
- Fazer com que a vítima faça o que ela não quer através de ameaças;
- Colocar a vítima em situação problemática com alguém (geralmente, uma autoridade), ou conseguir uma ação disciplinar contra a vítima, por algo que ela não cometeu ou que foi exagerado pelo Bullying;
- Fazer comentários depreciativos sobre a família da vítima, sobre o seu local de moradia, sobre sua aparência pessoal, orientação sexual, religião, etnia, nível de renda, nacionalidade ou qualquer outra;
- Isolamento social da vítima;
- Usar as tecnologias de informação para praticar o cyberbullying como por exemplo criar páginas falsas sobre a vítima em sites de relacionamento, de publicação de fotos, etc.;
- Chantagem;
- Expressões ameaçadoras;

O Bullying escolar ocorre, geralmente, em áreas com supervisão adulta mínima ou inexistente. Ele pode acontecer em praticamente qualquer parte, dentro ou fora do prédio da escola. De acordo com Pereira, 2002, p.24.

Agressividade/Bullying são comportamento agressivo de intimidação e que apresenta um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resulta em práticas violentas exercida por um grupo ou individual.

Muitas crianças e adolescentes, segundo pesquisa da ABRAPIA (Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes), são vítimas constantes de bullies, mas não apresentam denúncia por medo. Muitas vezes não voltam mais para a escola, sem dar explicações alguma nem mesmo para a família. Como resultado, escolas em muitos países passaram a desencorajar fortemente a prática do Bullying, com programas projetados para promover a cooperação entre os estudantes, bem como o treinamento de alunos como moderadores para intervir na resolução de disputas, configurando uma forma de suporte por parte dos pares. As consequências do Bullying escolar para as vítimas caracterizam-se, geralmente, pelo baixo rendimento no aprendizado, o medo da própria escola e a traumas psicológicos.

1.4 O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA

O fenômeno da violência é um problema para os indivíduos e sociedades de modo geral. O tema sofre em muito a influência da mídia. Em alguns lugares assumiu, realmente, a proporção de calamidade. As respostas a este fenômeno têm se mostrado múltiplas e diversas, abrangendo uma gama de medidas, nos mais diversos níveis: individual, comunitário e governamental.

A violência é vista, na maioria das vezes, como algo natural que deve ser controlado; e o valentão é visto como alguém que deve ser punido individualmente.

Segundo comentários de Waléria Fortes de Oliveira e Marcelo Rezende Guimarães a respeito de estudo sobre violência e juventude no Brasil.

As análises sociais divulgadas pelos meios de comunicação têm privilegiado a adolescência e a juventude como momento de produção da violência, como agressora, destacando seu envolvimento com a delinquência e a criminalidade, com os tráficos de drogas e armas, com as torcidas organizadas, com os espetáculos musicais nas periferias das grandes metrópoles (OLIVEIRA & GUIMARÃES 2009, p.3).

Nota-se que geralmente a violência é analisada de maneira individualizada, mas pensamos que se deve ver a adolescência e a juventude não somente como produtoras da violência, mas como vítimas de um sistema social que produz pessoas violentas. Principalmente quando se estuda a violência juvenil ela aparece como um problema ligado à educação, percebido tanto em relação à escola quanto à cultura.

Não há consenso entre os pesquisadores quanto às causas que produzem a violência nem mesmo quanto ao fenômeno em si. Isto confirma o pensamento de Arendt:

Se a violência é fruto da sociedade, a busca de uma cultura de não-violência também deverá ser fruto dessa mesma sociedade. As ações de um projeto de não-violência deve ser preocupação de todos os setores da sociedade. (Arendt 2009, p. 47).

O pensamento de Mário Volpi esclarece que a violência praticada pelos adolescentes revela falha no sistema educacional (nas escolas), na família e nas políticas públicas. A família desestruturada, como já alertara um dos adolescentes entrevistados, colabora para que uma atitude violenta se manifeste. A falta de políticas públicas e programas educativos manifestam a mesma tendência.

A violência não é algo natural, como prega o organicismo de Durkheim: “Não há fenômeno que apresente de maneira mais irrefutável todos os sintomas da normalidade, dado que aparece como estreitamente ligado às condições de qualquer vida coletiva” (DURKHEIM 2003, p.82-83).

A questão da punição não deve ser o pensamento primário, pois em países como os Estados Unidos, onde há mais repressão e intolerância como prisão perpétua para adolescentes infratores, há índice muito maior de violência entre os adolescentes. Não é o medo da punição que vai fazer diminuir o índice de violência, mas uma ação conjunta com todos os setores da sociedade.

1.5 BULLYING: ATOS DE VIOLÊNCIA E NÃO BRINCADEIRAS

O Bullying é um dos fatores de violência que gera muitas discussões e exige de todos, conhecimento, reflexão, atitude preventivas, como forma de desmistificar essa violência na escola. Inicialmente visto pelos jovens como uma brincadeira, no entanto a intenção é intimidar, perseguir, provocar, apelidar, incomodar, e até mesmo espancar aqueles que determinado indivíduo ou grupo decidem ser diferente dos demais.

Bullying é uma palavra de origem inglesa que tem como raiz o termo bull, “é um termo utilizado para designar pessoa cruel, intimidadora e/ou agressiva” (GUIMARÃES, 2009). Este termo ganha importância no século XXI, após anos de

existência. O Bullying se apresenta enquanto prática de violência sem motivo aparente e que possui como local específico, as escolas. Entretanto, esta violência pode ser mascarada pelas brincadeiras (mesmo que de mau gosto) ou informadas pelos agressores como acidentes. Mas, o que se presencia são cenas de terror e agressões graves exercidas sobre outros alunos atitudes que preocupa educadores, pais, juristas e sociedade. De acordo com Fante (2005):

O Bullying não é um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias de crianças; é um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, e que propicia uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para outros. São algumas condutas impiedosas que se observa no meio escolar, na família e nos grupos da sociedade. Um dos exemplos são as gangues que se juntam para “torturar” alguma outra pessoa.

A manifestação do Bullying é diferente das brigas que frequentemente acontecem entre iguais, provocadas por motivos eventuais.

Para Fante (2005, p.119), essas brigas acontecem e acabam. O bullying, ao contrário, é aquela agressão que se apresenta de forma velada, por meios de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores contra a mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos.

A violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescentes dimensões em todas as sociedades, o que a torna questões preocupantes devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade. Para Fante (2005, p. 20).

A sociedade tem uma visão deturpada de que a maior incidência de violência no ambiente escolar está na escola pública, no entanto, o bullying é praticado em grande parte nas escolas privadas. Existem muitas crianças e adolescentes que fazem tratamentos, terapias, para tentar se livrar dos traumas causados pelo bullying, algumas mudam de escolas por diversas vezes na tentativa de se afastar dos agressores.

Algumas famílias muitas vezes não percebem o que está acontecendo com o filho, por falta de diálogo ou interesse por seu comportamento, que se manifesta de diferentes formas, como depressão, choro constante, queda nas notas, falta de interesse para ir à escola, doenças constantes, agressão em casa, tudo como forma de fugir do problema que quando não percebido se agrava ainda mais.

1.6 O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA PARA PREVENIR A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Ao fazer essa reflexão constata-se a complexidade que envolve a problemática da Violência no Ambiente Escolar. Percebe-se que o ambiente escolar esporadicamente tem sido alvo de violências que atingem diretamente os valores culturais da sociedade enquanto reflexo de problemas familiares e/ou sociais, já que é nesse ambiente que as crianças passam grande parte de seu tempo.

É necessário resgatar o papel do professor enquanto educador, para que além de garantir aos seus alunos a possibilidade de uma ascensão profissional, possam também contribuir para torná-los pessoas críticas e conscientes de suas responsabilidades. Acredita-se ainda ser de grande importância a percepção da família e da escola no sentido de perceberem a ação de educar como responsabilidade de ambos e que cruzar os braços e esperar que os resultados venham e se conformar com tal situação é o mesmo que concordar que essas crianças sejam apenas mais uma na imensidão, onde não são respeitadas e valorizadas enquanto seres humanos.

Alguns estudiosos que defendem a relação professor aluno, acreditam que o panorama da violência no ambiente escolar pode ser modificado a partir do momento que a interação professora aluno passe a fazer diferença, ambos, professor e aluno são peças chave para o sucesso da escola e de resultados positivos para a educação, entende-se que se educandos e educadores caminham para o entendimento desenvolvendo uma relação de respeito mútuo, a solução do problema pode estar mais próxima.

De acordo Dayrell (1999, p.87):

Há sempre uma circulação de conhecimentos formais e sistemáticos, de que os primeiros (professores) são titulares, como também de saberes da vida cotidiana, das formas e conteúdos culturais, de que os alunos são igualmente portadores.

O professor desempenha papel essencial no processo ensino aprendizagem, pois não é fácil criar condições para que os alunos construam conhecimento, é preciso que o profissional que se compromete com o desafio de educar, ensinar, seja motivador, criativo, possua bom relacionamento com o aluno, sabendo administrar

conflitos e ajudando a tornar o ambiente escolar um local prazeroso de se estar. Segundo Minayo (1999, p.114) uma escola ideal é exatamente a escola que favoreça um ambiente saudável e de formação para a cidadania;

[...] é aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel socializador.

O professor deve criar um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e afetivo de seus alunos. Mediante o contexto atual, verifica-se um grande processo conturbado, no âmbito político, cultural, social e educacional. Momentos de desencontros, desacertos, mas que emergem sinais de vida, ou seja, esperança de mudanças sociais e educacionais, que, ao serem destacadas observa-se à necessidade de se fazer reflexões sobre o verdadeiro compromisso pôr parte do educador no relacionamento e aprendizado com o aluno, uma vez que ao assumir seu papel, deve fazê-lo com responsabilidade.

De acordo com Pedra (2008, pg. 12),

Além de todo o esforço da equipe escolar frente ao bullying, é preciso contar com a ajuda de consultores externos, como especialistas no tema, psicólogos, e assistentes sociais”. Não se ver psicólogos em escolas públicas, assistentes sociais só em casos extremos, mas de acordo com Pedra se escolas e especialistas no assunto andassem juntos os casos de bullying talvez fossem menos frequentes.

No entanto, nem tudo está definido, há expectativas que permeiam um novo modo de ser, de agir, de se relacionar no que diz respeito ao processo de aprendizagem no qual se tem visto, que a partir do momento que o educador passa a se relacionar com seu educando, num compromisso de ajuda, cumplicidade e que ambos através da consciência crítica e da reflexão, adquirem autonomia para agir, questionar e até mesmo interferir no âmbito escolar, inserindo sugestões que contribuam para o desenvolvimento de um trabalho mais consistente.

2 BULLYING NA VISÃO DE ALGUNS AUTORES

Para melhor demarcar o que se pretende definir como Bullying, parte-se do conceito de desrespeito. Alencar e Taille (2007, p. 4) conceituam respeito como “o reconhecimento do outro como sujeito de direitos e dotado de intrínseca dignidade”, acrescentando que “não há nada mais inverso ao respeito do que a humilhação, nas suas mais variadas formas ou maneiras”. A humilhação ou o desrespeito, no dizer dos autores.

[...] pode destruir o auto respeito e, portanto, acabar tornando inviável a construção do respeito entre as pessoas, consequências igualmente prejudiciais tanto ao desenvolvimento de crianças e adolescentes quando aos relacionamentos interindividuais e sociais (ALENCAR, TAILLE, 2007, p. 4).

Os autores acrescentam que a maioria das práticas de humilhação e desrespeito, como o insulto e a difamação, não é divulgada; além de que, na maior parte das vezes, sua prova é de difícil verificação. Acrescente-se, nessa perspectiva, a vontade da vítima de esconder seu sofrimento em face da vergonha e a omissão de grande parte das pessoas que assistem ao ato de desrespeito. Em que pese a pouca divulgação, os casos dessa natureza se repetem diversas vezes no cotidiano escolar, sendo o Bullying uma das suas expressões.

De acordo com Silva (2006, p. 43), um dos pioneiros na utilização desse termo foi Dan Olweus, professor e pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, ao estudar tendências suicidas em adolescentes. Já no início dos anos 1970, ele investigava o problema dos agressores e suas vítimas na escola, embora somente na década de 1980 – depois que três adolescentes entre 10 e 14 anos cometeram suicídio, aparentemente provocado por situações graves de Bullying –, as instituições passaram a demonstrar interesse pelo tema.

Trata-se, portanto, de uma expressão do que se entende por violência e sua articulação com a escola decorre dos efeitos nocivos sobre a vida escolar dos estudantes que são vítimas dele, do comprometimento demonstrado por alguns alunos no processo ensino-aprendizagem e das consequências desestruturantes sobre todo o espaço educativo. De acordo com Middleton-Moz (2007, p. 21).

[...] os comportamentos envolvidos no Bullying são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou áreas indesejáveis no local de trabalho, ameaças, insultos, ofensas raciais, étnicas ou de gênero.

Os danos físicos, morais e materiais, os insultos, os apelidos cruéis, as gozações que magoam profundamente, as ameaças, as acusações injustas e a atuação de grupos hostilizam a vida de muitos alunos, levando-os à exclusão, por não se enquadrarem em determinado padrão físico, comportamental ou ideológico. Ou, sob o prisma inverso, o Bullying traz à tona a dificuldade do sujeito ou de seu grupo de se relacionar e conviver com valores e características pessoais diferentes das suas, configurando as incivildades.

Pois entre professores e alunos há portadores de diferentes normas de conduta, que se manifesta por formas menores [...] de violência no espaço escolar, indicando a difícil questão de convivência entre grupos sociais que utilizam diversos códigos culturais nas relações de socialidade. (Santos, 2001, p. 5).

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) enfatiza no conceito do Bullying as relações de poder que estão em jogo. As atitudes agressivas, intencionais, deliberadas e conscientes que visam a causar dor, sofrimento, perseguição e exclusão são adotadas por um indivíduo ou um grupo, na sua maioria composto de pessoas com força física, mais idade e alto poder de persuasão, contra outros indivíduos ou grupos mais “fracos”. No dizer de Pereira (2002, p. 18),

É a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita o que diferencia o “Bullying” de outras situações ou comportamentos agressivos, sendo três os fatores fundamentais que normalmente o identificam: 1) o mal causado a outrem não resultou de uma provocação, pelo menos por ações que possam ser identificadas como provocações. 2) as intimidações e a vitimização de outros têm caráter regular, não acontecendo apenas ocasionalmente. 3) geralmente os agressores são mais fortes (fisicamente), recorrem ao uso de arma branca, ou tem um perfil violento e ameaçador. As vítimas frequentemente não estão em posição de se defenderem ou de procurar auxílio.

As observações e discussões sobre o comportamento de alunos e professores, realizado por Nogueira (2007), resultaram na identificação de três tipos de atores envolvidos no Bullying: o espectador, a vítima e o agressor

Alguns estudos indicam que o agressor provém de famílias pouco estruturadas, com baixo relacionamento afetivo entre seus membros, é fracamente supervisionado pelos pais e vive em ambientes onde o modelo para solucionar problemas é o comportamento agressivo ou explosivo. É alta a probabilidade de que as crianças ou jovens que praticam o bullying se tornem adultos com comportamentos violentos (BALLONE, 2005). No entendimento de Nogueira (2007, p. 99), os agressores.

Geralmente, acham que todos devem fazer suas vontades, e que foram acostumados, por uma educação equivocada, a ser o centro das atenções. São crianças inseguras, que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão por parte de adultos. Na realidade, eles repetem um comportamento aprendido de autoridade e de pressão.

Também em relação ao agressor, Leme (2006) afirma tratar-se de uma pessoa que busca reconhecimento e admiração dos colegas, além de possuir uma intolerância em relação àquele que é diferente dele, tanto no aspecto físico quanto no comportamental. Em suas pesquisas, a autora ressalta a maior probabilidade do sexo masculino se envolver nessas agressões; muito embora registre que, nos últimos anos, houve um crescimento da violência também entre meninas.

Ballone (2005, p.65) afirma:

As vítimas costumam ser mais frágeis, com algum traço que destoa do modelo culturalmente imposto ao grupo etário em questão, que pode ser físico ou emocional, como é o caso da timidez. É comum terem dificuldades físicas e emocionais para reagir e possuem um forte sentimento de insegurança.

No ambiente familiar, apresentam sinais de medo ou receio de ir à escola, embora dificilmente procurem ajuda dos familiares, professores ou funcionários. Tudo isso acaba fazendo com que troquem de escola frequentemente,

No entanto, Leme (2006, p.12) declara que a passividade não é a única saída utilizada por uma vítima de Bullying e que aproximadamente 12% delas podem reagir agressivamente. Enquanto no início da infância os alvos do Bullying geralmente são aleatórios, na juventude e na idade adulta, por outro lado, são escolhidos pelos agressores em face de várias características, ou pior, que abandonem os estudos.

Nos casos mais graves, acabam desenvolvendo depressão, podendo chegar a tentar ou a cometer o suicídio.

Ser gorda demais, magra demais, usar óculos, trabalhar bem, andar de cadeira de rodas, usar a roupa inadequada, ser passiva ou independente demais, ter a cor, a origem étnica, o sexo, a religião, a origem socioeconômica ou a orientação diferente, gostar do chefe, ser simpático, ser quieto, etc. (MIDDELTON-MOZ, ZAWADSKI, 2007, p. 21).

A esse respeito, Ballone, 2005, apesar de considerar um erro culpabiliza uma pessoa por sua diferença, esclarece que a própria sociedade elege critérios de classificação do que considera normal, de modo que aquele que não possui tais características sofre preconceito e discriminação, como se houvesse uma escala na qual existiriam pessoas inferiores e superiores. Alguns desses critérios variam de acordo com determinada época e cultura, a exemplo do padrão de beleza feminino, que já elegeu desde mulheres acima do peso até mulheres bastante magras.

2.1 O BULLYING E OS EDUCADORES

De acordo com Basso (1998), o educador caracteriza-se por ser um mediador entre o aluno e sua formação e as esferas da vida social. Recorrendo ao dicionário, encontra-se que a palavra educar vem do latim educare, por sua vez ligada ao verbo educere, composto pelo prefixo ex (fora) mais ducere (conduzir, levar), e significa, literalmente, conduzir para fora, ou seja, preparar o indivíduo para o mundo. E que mundo é esse do qual se fala? Como é possível um educador conduzir tantos jovens para esse mundo?

Por outro lado, os pais recorrem à escola como se fosse a única responsável pela educação de seus filhos e entregam a ela, e a seus educadores, a tarefa de formar seus jovens enquanto cidadãos conscientes de direitos e deveres, configurando uma das principais contradições de que falam muitos educadores, à qual Hargreaves (2003, p. 36) se refere com clareza:

O ensino é uma profissão paradoxal. De todos os trabalhos que são ou aspiram a ser profissões, só do ensino se espera que crie as habilidades humanas e as capacidades que permitirão aos indivíduos e às organizações sobreviver e ter êxito na sociedade do conhecimento de hoje. Dos professores, mais do que de qualquer outro profissional, espera-se que construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades para a inovação, a flexibilidade e o compromisso com a mudança que são essenciais para a prosperidade econômica.

O Bullying se apresenta como um componente particularmente prejudicial à prática docente, uma vez que envolve as relações em sala de aula e o cotidiano escolar em uma atmosfera de desrespeito, tensão e medo. Até recentemente, poucas instituições de ensino reconheciam nessa forma de violência uma ameaça importante contra crianças, professores ou funcionários, sendo mais comum ignorar o comportamento e torcer para que acabassem as faltas às aulas, o baixo rendimento escolar, os problemas de concentração e de relacionamento social.

Uma das razões para a pouca importância dada ao Bullying era a confusão feita entre esse fenômeno e as brincadeiras infantis, de modo que, quando uma criança ou jovem se queixava de ser humilhado ou perseguido, por exemplo, os responsáveis tendiam a interpretar como brincadeira, dizendo que aquele era um comportamento passageiro, recomendando que a vítima não ligasse. O resultado é um sentimento de inferioridade diante dos demais colegas, muito diferente da sensação de prazer possibilitada pela brincadeira. Além disso, o Bullying não pode ser considerado brincadeira, visto que, como afirma Robles (2007, p. 10),

A brincadeira é uma atividade ou ação própria da criança, voluntária, espontânea, delimitada no tempo e no espaço, prazerosa, constituída por reforçadores positivos intrínsecos, com um fim em si mesma e tendo uma relação íntima com a criança.

Como alerta Nogueira (2005), um outro aspecto a ser considerado pelos educadores é a necessidade de se promover a orientação, a conscientização e a discussão a respeito do assunto, atentando para o fato de que nem toda briga ou discussão pode ser rotulada como violência. É preciso saber a importância de reconhecer as peculiaridades físicas e afetivo-emocionais de crianças e jovens e incentivá-los a desenvolver e aceitar, antes de tudo, suas próprias diferenças, que os constituem seres únicos.

Esse é um trabalho da família, sim, mas também papel importantíssimo da escola e dos educadores, que precisam desenvolver atividades baseadas “na cooperação, participação, iniciativa e criatividade dos alunos” (SOUZA et al., 2007, p. 3).

Contudo, longe de atuar nessa perspectiva mais compreensiva, o que se percebe é uma inadequação das práticas docentes para lidar com problemas como a violência, fruto da falta de orientação no contexto escolar e mesmo nas formações inicial e continuada. De acordo com Camacho (2007, p. 24),

Os professores estão mais preocupados em cumprir suas funções didáticas e atender à necessidade de completar o cronograma de matérias e tarefas, ainda que os problemas resultantes da dinâmica social em que se insere a escola comprometam seus objetivos.

De acordo com Fante e Pedra (2008, p.45), um exemplo do despreparo dos educadores é o fato de alguns deles chegarem a reproduzir preconceitos e discriminações, fazendo piadas, imitações, insinuações e brincadeiras com os alunos fora das salas de aula. Os autores referem que a prática de Bullying por funcionários da escola e outros educadores contra alunos ocorre mais do que se imagina, configurada na perseguição, intimidação, coação e acusação. Afirmam que os educadores.

Comparam alunos, constroem, chamam a atenção deles publicamente, mostram preferência a determinados alunos em detrimento de outros, humilham. Rebaixam a autoestima e capacidade cognitiva, agredem verbal e oralmente, fazem comentários depreciativos, preconceituosos e indecorosos (FANTE, PEDRA, 2008, p. 45).

Em contrapartida, muitos educadores também são ameaçados, perseguidos e humilhados por alunos ou colegas de trabalho. De acordo com Fante e Pedra (2008), é grande o número de profissionais que sofrem o Bullying em seu ambiente de trabalho, sem saberem o que fazer ou a quem recorrer. Muitos têm medo de procurar a direção da escola e de ser mal interpretados, taxados de incompetentes, por não saberem lidar com os problemas da sala de aula; ou, ainda, evitam correr o risco de os escolares ou seus pais dizerem que tudo não passou de “brincadeira”, que ele é sensível demais.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em 01 escola pública município da cidade de São José da Lagoa Tapada/PB. Para esta pesquisa optou-se por realizar um estudo de caso qualitativo, que teve duração de seis meses no levantamento de informações e estudo a respeito da “Violência na escola: uma reflexão sobre o Bullying no contexto escolar”.

3.1 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo cinco professoras do nível fundamental de ensino de uma escola municipal da cidade de São José da Lagoa Tapada, localizada no Estado da Paraíba. Todas as participantes foram do sexo feminino, uma vez que não havia na instituição pesquisada professores do sexo masculino. As idades das entrevistadas variaram entre 23 e 37 anos. Duas das entrevistadas possuíam nível superior em Letras sem especialização e três possuíam nível superior História e Matemática, sendo que elas eram pós-graduadas. Duas professoras lecionavam no 8º ano do ensino fundamental e as demais, no 7º ano do ensino fundamental II.

3.2 INSTRUMENTO PARA A COLETA DE DADOS

Para fins de coleta dos dados, o instrumento utilizado foi à entrevista semiestruturada que tinha por base um roteiro previamente elaborado, de modo a contemplar os objetivos do trabalho. Para complementar, foi elaborado um quadro com práticas para que as professoras marcassem aquelas que consideravam violentas. O quadro, que era apresentado às professoras ao final das entrevistas tinha o objetivo de obter dados complementares, era composto por ações como bater, empurrar, dar murros ou pontapés, roubar objetos, amedrontar, ignorar o colega, excluir, etc.

O roteiro de entrevista foi composto por 08 (oito) questões elaboradas da seguinte maneira: as 05 (cinco) primeiras procuravam apreender como as professoras significam a violência escolar, a partir de suas causas, consequências, avaliação da gravidade, percepção das práticas etc.; as três últimas indagavam sobre suas estratégias de ação.

De acordo com Minayo (1993, p.114),

A entrevista é entendida como uma situação que compreende não apenas um momento técnico da pesquisa, a coleta de dados, mas, sobretudo, uma “situação de interação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser aprofundadas pela natureza de suas relações com o entrevistador”.

Desse modo, propõe-se uma compreensão mais abrangente sobre a situação e os eventos envolvidos na entrevista, de forma a assegurar uma aproximação mais efetiva da pesquisadora com as entrevistadas.

O primeiro passo para o início da pesquisa de campo foi a escolha da instituição de ensino que participariam do estudo. A opção pela instituição de ensino fundamental II da qual partiu este estudo se deu através de conversas informais entre pesquisadora e alunos, que relataram a ocorrência de inúmeras práticas de violência entre seus pares, tanto nas dependências da escola quanto nos arredores da mesma, no momento de entrada e de saída dos estudantes.

4 ANALISE DOS RESULTADOS

Este capítulo tratará da apresentação dos resultados obtidos no estudo, bem como de sua discussão. Cabe aqui salientar que não é pretensão deste capítulo esgotar as questões da violência e do Bullying escolar, mas sim, dar continuidade aos estudos da violência/bullying escolar, na tentativa não de encerrar uma discussão ou apontar conclusões findas, mas de conhecer quais os caminhos que estão sendo tomados e o que podemos acrescentar a eles. Não se trata este capítulo de uma “tentativa totalitária de dissolver o particular num falso universal” (Rouanet, 1998, p. 78). Trata-se sim de uma valorização desse humilde particular em busca de evidências que nos permitam pensar acerca das questões que envolvem o fenômeno em questão.

A relação com o todo não é estabelecida para dissolver, através de um princípio universal, a integridade do particular, mas para descobrir o universal do particular, e através dele, quanto mais humilde esse particular, maior a probabilidade de que em sua humildade mesma tal particular abra o caminho para a descoberta da verdade (ROUANET, 1998, p. 107).

Para a caracterização do significado de Bullying escolar para as professoras, realizou-se a análise: de como se configura o fenômeno por elas identificado como Bullying e de como é feita essa identificação; das explicações que atribuem ao fenômeno; das consequências para os envolvidos; da avaliação dessas consequências em termos da gravidade.

Desse modo, foram identificados e analisados os seguintes pontos:

- Configuração do fenômeno observado: nesta seção, procuramos identificar se as professoras percebem práticas violentas entre os alunos na escola em que lecionam e, caso respondam afirmativamente, como elas percebem tais relações de violência; assim, buscamos identificar quais os tipos de violência entre alunos que elas observam nas escolas e quais são os mais frequentes.
- Consequências da violência: nesta seção, buscamos identificar, na visão das professoras, quem sofre as consequências e quais são os danos produzidos pelas práticas de violência.

- Avaliação da gravidade: aqui, verificamos se, na opinião das professoras, existem práticas mais violentas do que outras, com base na suposição de que a avaliação de gravidade das ações pode nos ajudar a circunscrever os significados do Bullying.

Finalizada a análise dos significados de Bullying, passamos então à descrição das estratégias de ação adotadas pelas professoras diante de tais situações, para em seguida, verificar se, e de que forma tais estratégias se relacionam aos preceitos do ECA e/ou a programas institucionais.

4.1 CONFIGURAÇÃO DO FENÔMENO OBSERVADO

Todas as professoras participantes deste estudo revelaram identificar práticas de violências entre os alunos na escola. Dessa forma, embora as entrevistas tenham sido realizadas com o uso do termo “violência entre alunos”, a partir daqui adotaremos o uso do termo “Bullying”. As próprias professoras inseriram, nas suas falas, o termo Bullying, o que pode ser justificado pela forte disseminação do fenômeno pelos meios de comunicação nos últimos anos para caracterizar indiscriminadamente as diversas formas de violências que invadem o espaço escolar.

4.1.1 A identificação

Segundo os relatos, a percepção da existência dessas práticas pode se dar a partir de duas vias:

- Pela observação da dinâmica da turma:

Pelo comportamento da turma... “É só conhecer a sua turma que você percebe quando tem alguma coisa errada (Professora 1).

Através do comportamento da turma. Quando tá muito agitado tem alguma coisa... alguma confusão acontecendo... pode ir atrás (Professora 2).

Percebo através de observações durante as aulas. É só observar os alunos, conhecer cada um deles que você observa as mudanças, quando tem alguma coisa diferente (Professora 4).

- Pela observação da própria prática violenta:

Percebe-se pela própria agressão, já que muitas vezes os agressores não se inibem e praticam diante dos demais. (Professora 3).

Somos todos testemunhas oculares dos atos violentos. (Professora 5)

Duas professoras revelaram que os alunos que são vítimas desse tipo de prática nunca revelam o ocorrido, ao mesmo tempo em que outras duas entrevistadas indicaram que as vítimas de práticas violentas nas escolas relatam sua condição de vitimação apenas às vezes. O motivo apontado pelas professoras para que seus alunos se omitam a falar da violência da qual são vítimas, ou pelo menos relutem em falar, é o medo de continuar sendo alvos desse tipo de prática ou de sofrer uma retaliação por parte dos agressores.

Não. Nunca relatam por medo (Professora 2).

As vítimas nunca relatam por medo de continuar sendo alvo de Bullying (Professora 3).

Nem todas (relatam). Algumas chegam a ser ameaçadas e preferem não revelar o acontecido (Professora 1).

Em alguns casos, os alunos relatam o ocorrido (Professora 4).

Apenas uma professora afirmou que os alunos vítimas de práticas de violência relatam o fato.

Além disso, as crianças que sofrem as violências sempre nos relatam os fatos. (Professora 5).

Embora neste estudo todas as professoras tenham afirmado que percebem as práticas violentas entre seus alunos, mesmo quando quatro das cinco entrevistadas tenham falado sobre a dificuldade dos alunos-alvo em comunicar a violência que sofrem, há estudos que seguem em outra direção, quanto à percepção dos professores. Para Lopes Neto (2005, p 54), “O fato de que as vítimas desse tipo de violência se calam a respeito da agressão que sofrem resultam na pouca percepção, de pais e professores, da existência desse tipo de prática”.

Assim, pais e professores, segundo o autor, subestimam a prevalência da violência e atuam de forma ineficiente para a interrupção ou prevenção dessas práticas. O mesmo autor revela ainda que a maioria dos casos de Bullying ocorre no interior das salas de aula, sem que o professor saiba. No mesmo sentido segue Freire,

Simão e Ferreira (2006) que revelam que “essa realidade tem um caráter escondido, porque as vítimas sentem medo de a denunciar” (p.159).

4.1.2 Formas mais frequentes

A forma direta de Bullying foi apontada por todas as professoras como a mais frequente nas escolas. As docentes citaram uma variedade de tipos de Bullying direto, que vão desde apelidos e xingamentos até murros e pontapés. Todas as docentes afirmaram observar mais de um tipo de prática de Bullying direto e embora as formas de Bullying citados tenham sido diversificados, podemos verificar que a discriminação, por meio de apelidos e xingamentos pejorativos, foi citada pela totalidade das entrevistadas. Segundo as docentes, essas podem ser observadas nas escolas todos os dias, ou “corriqueiramente”, como disse uma delas.

“As brigas (são mais frequentes). Um bate no outro, os meninos puxam os cabelos das meninas, xingam, tem de tudo. Todo dia é uma coisa” (Professora 1).

Eles ficam batendo-nos outros. Às vezes colocam o pé pro outro cair de propósito. Tem dias que eles se juntam e ficam dando cascudos nas cabecinhas deles e dizem que é brincadeira isso. Só têm brincadeira desse jeito... de bater, de xingar (Professora 2).

Tem muita discriminação com as crianças. Tem a que eles chamam de baleia, de quatro olhos (Professora 3).

Acho que tem mais preconceito e apelido. Eles adoram o apelido. Só querem chamar pelo apelido os colegas... ah, os mais feios, os gordinhos... Mas, eles ainda são pequenos (Professora 4).

Tem mais verbal – apelidos e xingamentos – e física – murros, pontapés, agressões físicas (Professora 5).

O fato de que todas as docentes afirmaram observar, entre seus alunos, formas de Bullying do tipo direto, pode estar relacionado ao fato de que esse tipo de violência é mais fácil de ser identificada, uma vez que envolvem comportamentos que explicitam melhor a existência da violência, como as brigas de murros e pontapés.

4.1.3 Ações consideradas violentas

Ao final das entrevistas era apresentado, às professoras, um quadro de práticas para que fossem marcadas aquelas que elas consideravam violentas. O quadro, elaborado com o objetivo de complementar as informações obtidas na entrevista, era composto por ações como bater, empurrar, dar murros ou pontapés, roubar objetos, amedrontar, ignorar o colega, excluir, etc. Segundo Lopes Neto e Saavedra (2003, p.18):

Ações diretas (subdivididas em físicas, bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas). Essas aparentemente são as que mais acontecem e é o que, mais os jovens relatam em conversas paralelas ou em grupos de amigos.

As formas de violência entre alunos que se expressam de forma mais direta foram assinaladas por todas as professoras. Assim, ao afirmarem a existência de práticas de Bullying entre os estudantes, as professoras deste estudo observam sobretudo as que envolvem: bater, empurrar, dar murros ou pontapés, quebrar ou estragar objetos dos colegas, colocar apelidos, xingar, falar mal dos colegas ou de aspectos de seu corpo ou raça etc. Por outro lado, algumas práticas que ocorrem de maneira mais sutil – ignorar o colega, propagação de falsos rumores, exclusão do colega dos grupos de brincadeiras – não são vistas pelas docentes aqui pesquisadas como violência.

4.1.4 Os Protagonistas

O estudo dos atores do Bullying tem sua importância no fato de ser este um fenômeno relacional, cujos papéis existem uns em função dos outros. De acordo com a percepção das professoras, os alunos que se envolvem em práticas de Bullying são sempre os mesmos, o que, segundo as docentes, facilita a identificação dos autores da violência.

É sempre o mesmo. Tem um lá que sempre incomoda todo mundo, não deixa ninguém quieto... Eu identifico sempre ... Não muda muito não (Professora 1).

O traquina é sempre o mesmo. E tem mais uns dois ou três que entram no meio da bagunça pra bulir com quem tá quieto (Professora 2).

Quem pratica violência normalmente não muda não. A gente quando vê uma confusão já imagina logo quem tá no meio; é o líder da turma (Professora 3).

Identifico sim. E não muda muito não. Trabalho todos eles dão, mas é coisa normal de criança. É conversar na hora da aula, essas coisas. Mas, sempre tem um que incomoda mais e normalmente ele sempre mexe com mais de um coleguinha (Professora 4).

Sim. Geralmente são sempre os mesmos (Professora 5).

O Bullying é praticado contra um aluno ou um pequeno grupo de alunos que, segundo as falas das docentes, apresentam como características a timidez, ou alguma diferença que os distingue dos demais. Os dados da literatura corroboram os achados desta pesquisa no que diz respeito a algumas características dos protagonistas. Aqui, tal qual afirmam os estudiosos do Bullying, é possível observar, nos relatos das professoras, a existência de uma assimetria de poder entre os protagonistas. Assim como relatado neste estudo, as pesquisas apontam que os autores deste tipo de violência escolhem para alvos seus pares com tendência à timidez, com poucas habilidades sociais e de responder às provocações de seus pares (Fante, 2005; Lopes Neto, 2005).

4.1.5 Os espaços em que ocorrem

Com relação aos espaços das escolas onde são mais facilmente observadas essas práticas, destacam-se: as salas de aula, indicadas por três professoras, e o pátio, no horário reservado à recreação, citada pelas duas restantes.

O Bullying pode ser observado em todos os espaços da escola e para além dos muros escolares, nas imediações da escola nos horários de entrada e de saída dos alunos. Porém, a sala de aula e o pátio de recreação, locais apontados pelas professoras deste estudo como mais frequentes para a observação desse tipo de prática, são também os locais indicados pelos demais estudos do fenômeno, que acrescentam os corredores. O quadro a seguir sintetiza os resultados discutidos nesta seção.

Quadro 1 - Configuração do Bullying identificado

Participantes	Identificação	Tipos de violência	Formas mais frequentes	Espaços onde ocorrem
Professora 1	Observação da turma	Direta	Brigas xingamentos	Salas de aula e pátio de recreação
Professora 2	Observação da turma	Direta	Brigas xingamentos	Sala de aula
Professora 3	Pela observação da agressão	Direta	Discriminação Apelidos	Pátio de recreação
Professora 4	Observação da turma	Direta	Preconceito Apelidos	Sala de aula
Professora 5	Pela observação da agressão	Direta	Apelidos agressões físicas	Pátio de recreação

4.1.6 As Causas

Esta seção tratará dos fatores que as professoras apontaram como causais para as práticas de violências entre os alunos na escola. O estudo das causas para a compreensão do conceito da violência escolar/bullying se justifica, a partir da teoria sócio histórica, pela necessidade de abarcar o contexto de produção da violência. A análise aqui realizada tomará por base o modelo de causas desenvolvido por Ristum (2001), a partir do modelo utilizado por Bronfenbrenner (1996).

O modelo utilizado por Ristum (2001) para a classificação das causas da violência compreende duas grandes categorias: causas contextuais e causas pessoais. As primeiras foram divididas em duas subcategorias, de acordo com maior ou menor proximidade em relação aos agressores: causas contextuais distais e causas contextuais proximais.

Todas as professoras indicaram, conforme é possível identificar no quadro a seguir, questões familiares como causas do envolvimento das crianças em violências

na escola, tendo sido classificadas todas as respostas na categoria de causas contextuais proximais.

A primeira causa é a desestrutura familiar predominante na maioria das famílias. A segunda causa, as relações interpessoais entre os alunos que devem ser trabalhadas através de dinâmicas diversas e um projeto envolvendo valores durante todo o ano letivo (Professora 4).

As duas outras professoras falaram diretamente dos modelos de violência aos quais as crianças estão expostas por suas famílias:

Acredito que as práticas de discriminação no ambiente escolar nada mais é que a extensão das práticas familiares. No âmbito familiar são constantes as agressões (físicas e verbais). As crianças são muitas vezes espancadas, agredidas e levam esse comportamento para o espaço escolar (Professora 3).

A falta de orientação/estrutura familiar pode ser observada nas falas de três professoras, sendo aqui exemplificada a partir da resposta da professora 4 que cita, além da desestrutura familiar, questões referentes à dificuldade das relações interpessoais entre os alunos:

A visão das professoras acerca dos fatores causais que impulsionam seus alunos a se inserir em práticas violentas nas escolas corrobora os achados na literatura sobre violência escolar e, mais especificamente, Bullying. Segundo essas autoras, relações familiares baseadas em conflitos facilitam a inserção dos jovens no mundo da violência e das drogas. A Falta de estruturação/organização familiar surgiu como segunda causa indicada pelas entrevistadas.

4.1.7 As Consequências

Nesta seção buscou-se identificar, como parte da definição dos significados atribuídos pelas professoras, quais as consequências de se envolver em práticas de Bullying. Para isso, foram feitas as seguintes questões: “Em sua opinião, quem sofre as consequências das práticas de Bullying?” e “Quais seriam essas consequências?”. O objetivo aqui é compreender quem, na visão das professoras, é afetado pelas

práticas de violência entre alunos e de que modo essas consequências atingem o (s) envolvido (s). No quadro abaixo, as categorias podem ser observadas.

Quadro 2 - Consequências das práticas de Bullying

Participante	Consequências
Professora 1	Consequências físicas e psicológicas
Professora 2	Consequências físicas e psicológicas
Professora 3	Consequências educacionais e psicológicas
Professora 4	Consequências educacionais e psicológicas
Professora 5	Consequências educacionais e psicológicas

Todas as professoras fizeram referência a consequências psicológicas, sendo que três delas indicaram ainda as consequências educacionais e duas, as consequências físicas. Com isso, as professoras confirmam que os três tipos de violência não são excludentes entre si e que um único ato de violência pode produzir diferentes consequências, como pode ser observado.

Aqui, um ponto merece destaque. Contrariando o apontado por diversos estudos sobre a violência, que indicam que a violência que causa danos físicos é a mais facilmente identificada, as docentes investigadas neste estudo citaram, principalmente, as consequências psicológicas e as consequências educacionais. Lopes Neto (2005, p.168) argumenta que as consequências também podem recair sobre as famílias das crianças que são alvos dessas práticas:

O comportamento dos pais dos alunos alvo pode variar da descrença ou indiferença a reações de ira ou inconformismo contra si mesmos e a escola. O sentimento de culpa e incapacidade para debelar o Bullying contra seus filhos passa a ser a preocupação principal em suas vidas, surgindo sintomas depressivos e influenciando seu desempenho no trabalho e nas relações pessoais (Lopes Neto, 2005, p. 168).

A preocupação das docentes com as crianças alvos de práticas de Bullying se justifica, à medida em que são várias as consequências decorrentes da exposição a esse tipo de violência. Crianças que sofrem Bullying são mais propensas a ansiedade e depressão, baixa autoestima, a apresentar queixas físicas e psicossomáticas, suicídio e efeitos outros na vida adulta (Smith, 2002; Lopes Neto, 2005). São:

1. Tendência a se afastar dos objetivos escolares, por enxergarem na escola um local desagradável e inseguro;
2. Tendência a se tornarem adultos inseguros;
3. Tendência a apresentar problemas de relacionamentos sociais, íntimos e familiares;
4. Tendência a cometer suicídio ou a se tornarem, eles próprios, pessoas violentas.

4.1.8 As Estratégias de Ação

Nesta seção, trataremos das estratégias de ação adotadas pelas professoras diante de situações de Bullying na escola. Os dados fornecidos pelas professoras foram categorizados de acordo com o modelo de categorias proposto por Ristum (2001, p.256), o conceito de violência de professoras do ensino fundamental, mais especificamente no tópico que fazia referência à atuação da escola frente à violência. No estudo referido (Ristum, 2001), as professoras identificaram quatro categorias de atuação da escola:

1. Ações preventivas: aquelas que tinham por objetivo prevenir a ocorrência da violência na escola e mesmo fora dela;
2. Ações remediativas: aquelas realizadas após a ocorrência da violência, com o objetivo de amenizar seus efeitos; aqui, existe também o objetivo de prevenir novas práticas violentas;
3. Ações estimuladoras: aquelas que estimulam nos alunos as práticas violentas, como por exemplo, tratar o aluno de modo violento;
4. Ação nula: aqui, a autora incluiu as respostas que indicavam que nada é feito contra as práticas violentas dos alunos. As professoras criticaram aqui o desempenho da escola, mas não o delas próprias.

As estratégias utilizadas pelas professoras revelam que as ações são realizadas, principalmente, após a concretização da(s) prática(s) violenta(s). Outro ponto a ser destacado é que as estratégias utilizadas são direcionadas aos alunos envolvidos diretamente na prática violenta – autor e alvo. A preocupação imediata está em separar os alunos e punir o(s) responsável(is) e as estratégias utilizadas por duas das professoras se limitam a isso – separar e punir.

Conversar com os alunos e seus responsáveis, sendo o caso grave, suspensão do aluno causador. (Professora 1)

Resolvo da melhor maneira através do diálogo, separando os alunos causadores. (Professora 2)

Duas professoras mencionaram o diálogo com os responsáveis, além da conversa com os próprios alunos envolvidos nas práticas violentas. Entretanto, convocar os pais à escola é colocada aqui como parte da punição perpetrada aos alunos e não como uma tentativa de aproximar a família da escola.

Quando ocorre algo mais grave com os alunos ou um deles, como uma agressão física mais profunda, levo o caso à direção da escola e acompanho o desenrolar do caso. Nesses casos, também convidamos os pais a comparecer na escola. (Professora 4)

A análise dos dados revelou que as professoras se valem principalmente de estratégias de ação do tipo remediativas, ou seja, suas ações ante situações de Bullying nas escolas são desenvolvidas após a ocorrência dessas práticas, sobretudo no sentido de separar e punir os alunos autores e alvos.

Por outro lado, as docentes apontaram para consequências de ordem psicológica.

- como baixa autoestima e sentimento de inferioridade – e educacional – como evasão escolar, dificuldades de aprendizado e falta de estímulo para com os objetivos escolares;
- para os envolvidos em práticas de Bullying. Desse modo, as estratégias remediativas de dialogar com os alunos, após o envolvimento em práticas violentas, quer seja apenas para findar momentaneamente a situação, ou para discutir uma possível punição, tratam-se de estratégias ineficazes no sentido de evitar a ocorrência de novas práticas, visto que os motivos que levam ao envolvimento nas violências não são problematizados.

A escola precisa se renovar e despertar para o seu papel de formadora de cidadãos e para a necessidade de capacitar seu corpo docente para educar esses cidadãos, e não apenas para a transmissão de conteúdos formais que constam dos currículos. Os educadores, nos diversos ambientes de educação, são mediadores importantes na constituição do ser criança, do modo como esses seres em desenvolvimento construirão suas realidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um ambiente onde se espera que traga crescimento, aprendizado, valores, e não qualquer forma de violência. O Bullying é um fenômeno presente na maioria das escolas mundiais, embora reconheçam que muitos ataques sofridos por escolas e por alunos são oriundos e ou vinculam-se aos fenômenos externos.

Entretanto, o Bullying é uma violência escolar que precisa ser contida logo no início, com conversas e conscientização de todos os alunos, professores e pais, com a educação. Assumir nossa responsabilidade social e humana, afastando esse tipo de violência dos nossos jovens, é uma finalidade a ser atingida. Prevenir o Bullying exige um trabalho contínuo de toda a equipe escolar em conjunto com a comunidade. O professor deve se um aliado da família e do aluno.

O Bullying deve ser discutido com os alunos dentro de sala de aula, através de metodologias que os coloquem no centro da aprendizagem, para que se concretizem as ações de informação, contextualização, conscientização e mobilização. Com a finalização deste trabalho, esperamos que ele possa contribuir para o conhecimento e a preocupação da sociedade em relação ao Bullying escolar. A solução está na escola que com certeza é quem deve ter um papel mais eficiente, primeiramente conscientizando-se que o problema existe e depois aconselhar os pais dos fatos ocorridos no seu interior e, principalmente, preparando seus profissionais para enfrentar esse tipo de agressão. Portanto, consideramos que a escola necessita ser um ambiente seguro, permitindo à criança socializar-se e desenvolver responsabilidades, defender ideias e, acima de tudo, assumir uma autonomia própria.

O preparo dos profissionais da educação para lidarem com as manifestações do Bullying, contribuirá para que o ambiente escolar se transforme em um local menos violento, possibilitando aos alunos o equilíbrio e a superação no lidar com suas emoções, valorizando a tolerância e a solidariedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.
- ALENCAR, H. M. de; LA TAILLE, Y. de. **Humilhação: o desrespeito no rebaixamento moral**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 59, n. 2, p. 217-231, 2007
- Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência. (2000). **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Adolescentes**. Retirado em 29 de Junho, 2009, de www.abrapia.org.br/www.bullying.com.br.
- BALLONE, G. J. **Maldade da infância e adolescência: Bullying**. PsiqWeb, 2005. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=126>>. Acesso em: 15 set. 2014.
- BEAUDOIN, M. N.; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CARVALHOSA, S. F.; Lima, L. & Matos, M. G. (2001). **Bullying** – a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4(19), 523-537.
- CHALITA, G. **Bullying, o crime do desamor**. *Profissão Mestre*, v. 9, n. 99, p. 27- 37, dez. 2007. Disponível: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1308>>. CHERUBINI, Luciano.
- CHAUÍ, M. **Cultura política e política cultural**. *Estudos avançados*, São Paulo, v.09, n. 23, 1995.
- DEBARBIEUX, E. **A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997)**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n.1, p. 163-193, jan./ jun. 2001.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: estratégias de intervenção e prevenção da violência entre escolares**. São José do Rio Preto: Ativa, 2003.
- _____, C. A. Z. (2005). **Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Verus.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da Educação**: fundamentos, aplicações à prática pedagógica. 7. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2000

LOPES NETO, A. A. **Bullying**: comportamento agressivo entre estudantes. J. Pediatr., Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NOGUEIRA, Rosana M. C.P. A. **Violência nas escolas e juventude**: Um estudo sobre o bullying escolar. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade da PUC/SP, 2007.

OLWEUS, D. (1993). **Bullying at school**: What we know and what we can do. Oxford, UK: Blackwell.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Dinalivro, Audil, 2002.

RISTUM, M. (2001). **O conceito de violência de professoras do ensino fundamental**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, J. V. T. **A violência na escola**: conflitualidade social e ações civilizatórias. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 105-122, jan./jun. 2001.

SILVA, D. G. da. **Violência e estigma**: bullying na escola. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Unisinos, São Leopoldo, 2006.

SOUZA, E. et al. **Bullying**: como lidar com nossas crianças e adolescentes? 2007. Disponível em: <<http://www.graphein.com.br>>. Acesso em: 12 jan. 2007.

SZYMANSKI, H. (Org.). (2002). **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Plano Editora.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE

ANEXO I

CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

São José da Lagoa Tapada – PB, 25 de Setembro de 2017.

O gestor da Escola Mun. E. M. E. F. Maria Marques Formiga – São José da Lagoa Tapada – PB, Venho por meio deste, solicitar desta escola para campo de pesquisa da minha monografia **“VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA REFLEXÃO SOBRE O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**, tema base da minha monografia, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB ; Universidade Aberta do Brasil – UAB. Asseguro que os dados são confidenciais, nomes dos envolvidos não serão utilizados em nenhum momento, garantindo sua privacidade e anonimato. Este é um procedimento necessário em pesquisa.

Agradeço por sua colaboração.

Atenciosamente,

MARIA DA PIEDADE SOARES COURA

Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

ANEXO II

Entrevista com os professores

1 – Quais as formas mais frequentes Bullying?

2 – Quais ações são consideradas violentas?

3 – Quem são os protagonistas?

4 – Em quais espaços ocorrem Bullying?

5 – Quais são as causas do Bullying?

6 – Quais as consequências do Bullying?

8 – Quais as estratégias utilizadas nas ações?

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE

ANEXO III

Entrevista com os alunos

- 1-O que é bullying ? E o que não é bullying?
- 2- Quais as consequências para o aluno que é alvo de bullying?
- 3- O que uma pessoa vítima de bullying deve fazer?
- 4-Que ações positivas as escolas têm promovido?
- 5- A família é importante na participação da vida escolar do aluno?
- 6-Como o professor deve evitar o bullying na sala de aula?